



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS E SUAS LITERATURAS

DEBORA MAYANNE ROCHA DANTAS

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM CAPAS DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

PATU
2018

DEBORA MAYANNE ROCHA DANTAS

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM CAPAS DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN-Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

PATU
2018

DEBORA MAYANNE ROCHA DANTAS

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM CAPAS DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN- Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

Aprovado em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof^a Ma.Luciana Fernandes Nery- orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
Universidade Rural do Semi-árido - UFERSA

Prof^a Ma. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

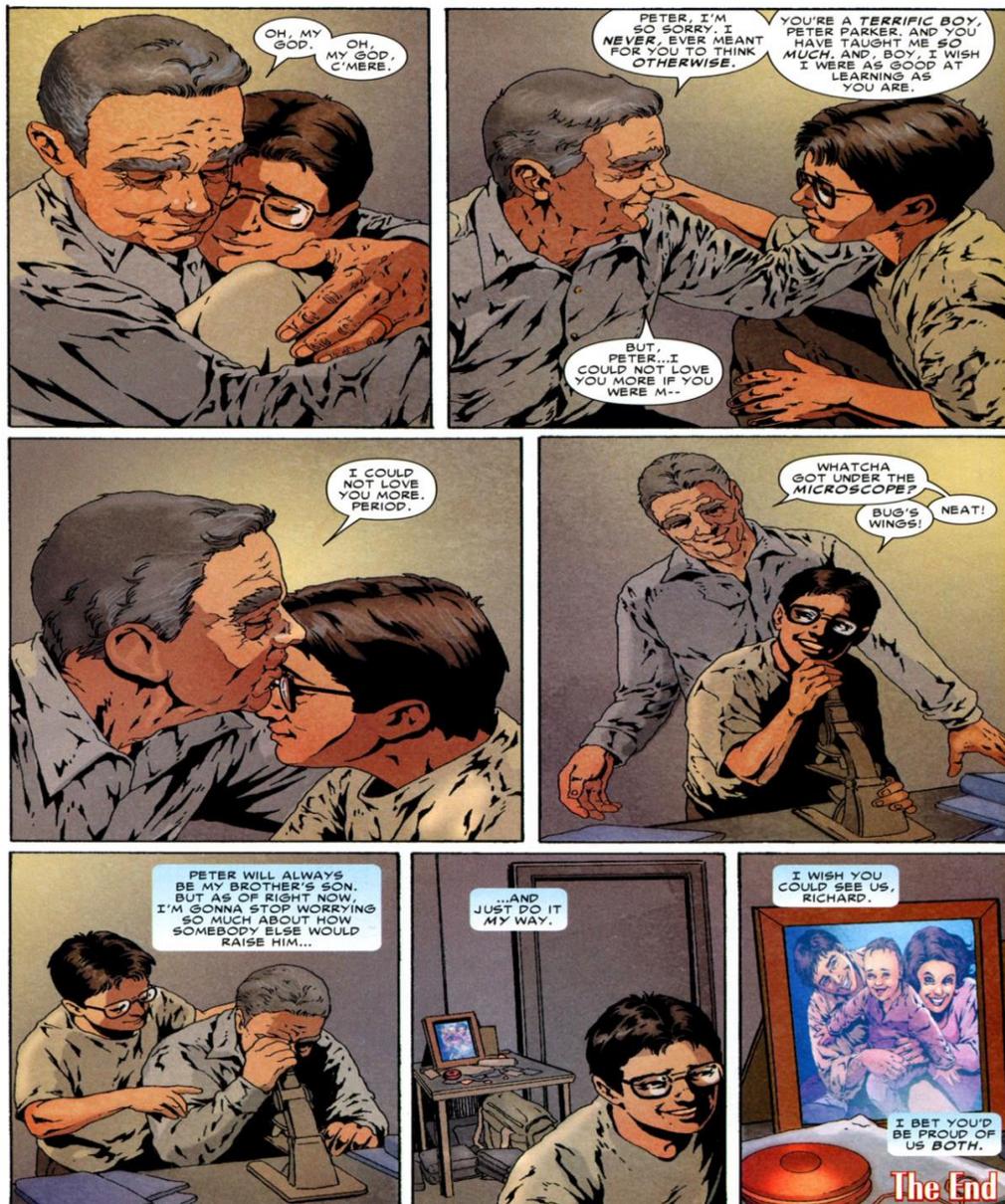
© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base histórica para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

D192s Dantas, Débora Mayanne Rocha
A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM
CAPAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. / Débora
Mayanne Rocha Dantas. - Patu - Rio Grande do Norte,
2018.
48p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Sexualização. 2. Corpo. 3. HQs. I. Nery, Luciana
Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.



Escolhi essa história em quadrinhos como forma de dedicar minha mais profunda gratidão aos meus avós (*in memoriam*). Da mesma forma que o Tio Ben ensinou ao Peter Parker que “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.”, vocês me ensinaram a ser forte nos momentos de fraquezas.

Aos meus eternos exemplos.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que sempre estiveram presentes nas boas e nas más horas. Vocês tornaram a minha existência menos solitária, obrigada por aceitarem minha personalidade e em diversos momentos ser a família que eu sempre sonhei em ter. Amo vocês.

Um agradecimento especial para a professora Ma. Ariane Kércia Benicio de Sá Barreto, os seus ensinamentos foram muito além dos conteúdos curriculares, você me inspirou a procurar ser a melhor versão possível de mim mesma e buscar conquistar realizações por conta própria. A pessoa que sou hoje é muito do que aprendeu no período de convivência com você e sua família. Para sempre, meu obrigada.

A professora Ma. Luciana Fernandes Nery, agradeço pelo convite aceito para ser minha orientadora, por todos os conselhos e sugestões dadas. Agradeço, ainda, a Ma. Beatriz Pazini Ferreira, por sua participação na Banca Examinadora.

Ao professor Dr. Francisco Vieira da Silva devo um agradecimento imenso, a sua presença na minha banca é insubstituível, porque você já faz parte das minhas conquistas acadêmicas.

Obrigada Deus, por ter colocado essas pessoas na minha trajetória.

"Não se nasce mulher, torna-se
mulher."

Simone de Beauvoir (1949)

LISTA DAS FÍGURAS

Figura 1: A Tarzan e Buck Rogers – 1929	26
Figura 2: Flash Gordon de Alex Raymond	27
Figura 3: Príncipe Valente de Harold Foster	28
Figura 4: All Star Comics 08 (1941).....	30
Figura 5: Desafio dos Deuses – 1987	31
Figura 6: Tempestade	31
Figura 7: Liga da Justiça	35
Figura 8 : A Saga da Fénix Obscura	36
Figura 9: Capa da Mulher Aranha ilustrada por Milo Manara	37
Figura 10: Elektra / Marvel nº 6 - 2002.....	40
Figura 11: Daredevil nº 6/2016 - Marvel Comics	41
Figura 12: Marvel apresenta Thor em versão feminina-2014	43
Figura 13: Capa Ilustrada por Esad Ribic e Russel Dauterman - 2014	44
Figura 14: O "novo Thor" tem câncer – 2015	45

RESUMO

Esse estudo monográfico analisa, reflete e discute a sexualização do corpo das heroínas nas capas das HQs, tentando entender qual a relação desse processo de sexualização das mulheres com o imaginário coletivo dos leitores. A intenção é analisar as capas com um foco especial ao contexto de produção e circulação, tentando compreender as relações de poder presentes nessas construções imagéticas, assim, buscamos refletir acerca da história do corpo e das redes de poderes. Além disso, contemplamos também a história da sexualidade. Igualmente importante é discutir sobre a origem das histórias em quadrinhos, especialmente o lugar das mulheres nesse meio, com a intenção de aprofundamos uma análise mais sólida sobre o nosso objeto de estudo. Para tanto, recorre-se para aproximações teóricas com estudiosos que fornecem condições para nossas investigações na perspectiva da Análise do Discurso, são eles Brandão (2006), Courtine (2008), Orlandi (2009), Gregolin (2007), Will Eisner (2016), Srbek (2013), entre outros. O corpus analisado é composto por 9 (nove) capas circuladas pelas editoras Marvel e DC Comics, que foram publicadas entre os anos 2000 até atualmente, período em que as empresas passaram por transformações e conseqüentemente recriaram algumas de suas capas. Partindo desse contexto, entende-se que essas mudanças solidificaram fenômenos que abre possibilidades para diversas categorias de análises. Como resultado, podemos perceber a relação que as redes de poder têm na construção da sexualização no corpo das heroínas.

Palavras-chave: Sexualização. Corpo. HQs. Heroínas.

ABSTRACT

This monographic study analyzes, reflects and argues the sexualization of the body of the heroines in the layers of the HQs, trying to understand which the relation of this process of sexualization of the women with imaginary the collective one of the readers. The intention is to analyze the layers with a special focus to the production context and circulation, trying to understand the relations of being able gifts in these imagery constructions, thus, we search to reflect concerning the history of the body and the nets of being able. Moreover, we also contemplate the history of the sexuality. Equally important it is to argue on the origin of histories in comics, especially the place of the women in this way, with the intention of we deepen a more solid analysis on our object of study. For in such a way, we appeal for theoretical approaches with studios that they supply conditions our inquiries in the perspective of the Analysis of the Speech, are they Brandão (2006), Courtine (2008), Orlandi (2009), Gregolin (2007), Will Eisner (2016), Srbek (2013), among others. The analyzed corpus is composed for 9 (nine) layers circulated for the Marvel woman editors and DC Comics, that had been published between years 2000 until currently, period where the companies had passed consequently for transformations and recreated some of its layers. Leaving of this context, we understand that these changes had made solid phenomena that open possibilities for diverse categories of analyses. As result, we can perceive the relation that the power nets have in the construction of the sexualization in the body of the heroines.

Key words: Sexualization. Body. HQs. Heroines.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: ANÁLISE DO DISCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO CORPO NO DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE	16
1.1 Primeiras Aproximações Teóricas: Origem da Análise do Discurso	16
1.2 As tessituras de poder na História da Sexualidade	18
1.3 A construção discursiva do corpo.....	22
1.4 A origem das Histórias em Quadrinhos	24
1.4.1 As mulheres nas Histórias em Quadrinhos	29
1.5 Igualdade e Liberdade: A luta Feminista.....	32
CAPÍTULO II – REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS HQS: A SEXUALIZAÇÃO DAS HEROÍNAS	34
2.1 A sexualização do corpo feminino nas capas das Histórias em quadrinhos	35
2.2 Um olhar sobre a mudança de gênero dos personagens nas HQs	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A história do corpo feminino é marcada por um percurso de exclusão, banalização e sexualização. Por séculos, o gênero masculino foi representado como superior ao feminino e, conseqüentemente, a subsistência feminina era marcada pelo domínio do homem. A importância do papel da mulher se configurava em procriar e obedecer às ordens do pai e do marido. Entretanto, com a criação de movimentos sociais, por exemplo, como o feminista, que luta por reivindicações de equidade social e direitos justos, as significações atribuídas ao gênero feminino passaram por um processo de resignificação e as mulheres conseguiram romper com moldes patriarcais e conquistaram espaço na sociedade, alcançado por exemplo, direitos como votar e trabalhar fora do lar.

Nesse contexto de mudanças, as representações acerca do corpo feminino também sofreram modificações. Vale atentar para a concepção defendida por Foucault (2014), segundo o qual o corpo se configura como uma superfície de inscrição dos acontecimentos, pois é inteiramente marcado pela história, solidificando-se como um mecanismo permeado por subjetividade em que atuam campo de forças. Deste modo, as instâncias múltiplas de poderes penetram, atravessam e o caracterizam, ou seja, ao longo da história da humanidade, o corpo sempre foi marcado pelas relações de poderes vigentes na sociedade.

Partindo desse viés, consideramos importante desenvolver um estudo que evidencie a sexualização do corpo das heroínas nas capas das histórias em quadrinhos, pois como um aparelho transpassado por historicidade (FOUCAULT, 2014) o corpo tem muito a nos revelar. E as Histórias em Quadrinhos como um produto cultural se solidificam como ferramentas responsáveis por perpetuarem representações sociais.

Entendemos como sexualização o processo que consiste em atribuir uma conotação sexual ou carga erótica sobre determinado objeto, ou seja, o mecanismo que transfixa pela sexualização adquire um conteúdo sexualizado. Tendo em vista o contexto exposto, geralmente, nas HQs quando as heroínas aparecem são enquadradas em planos que destacam a erotização exacerbada. Entretanto, nos últimos anos houve vários debates acerca dessa representatividade feminina nas HQs. Com o crescente número de leitoras, algumas capas que hipersexualiza as

personagens femininas foram retiradas de circulação e novas foram publicadas, porém, o corpo das heroínas continua transpassado pelo processo de sexualização.

A partir das abordagens foucaultianas que discutem o discurso, sujeito, corpo e sexualidade, constitui-se nas HQs temos a construção de formulações imagéticas que solidificam enunciados. No início de sua circulação pela imprensa os quadrinhos eram marcados apenas pelo seu tom humorístico, é tanto que até hoje é alcunhado pelo nome em inglês, *comics* (cômico), entretanto, com o passar do tempo, tanto o enredo como as personagens representadas nas HQs foram se moldado e adaptando para refratar o contexto histórico social ao qual estavam inseridos. As primeiras edições de caráter heroico e aventureiro ocorreram durante a segunda guerra mundial, na qual as editoras Marvel e DC Comics responsáveis por introduzirem esse gênero na cultura pop, criaram personagens heroicos para ficcionalmente combater figuras importantes da guerra. A título de curiosidade, a empresa DC Comics tem esse nome em homenagem a publicação da *Detective Comics*, primeiro HQ do Batman responsável por consolidar o sucesso da empresa.

No século XXI, as histórias de quadrinhos são um produto de influência significativa na indústria cultural e movimentam um mercado de consumidores, além de ter espaço garantido nas livrarias ao redor do mundo, o formato das revistas em quadrinhos como conhecemos atualmente se expandiram e alcançaram dispositivos midiáticos como o cinema e televisão que, frequentemente, anunciam adaptações dos enredos no formato de séries e filmes. Desse modo, nesse espaço de manifestação artística, determinados conceitos culturais, sociais e conseqüentemente valores morais são perpetuados, principalmente no que se refere à figura feminina.

Desde as primeiras publicações, o papel da heroína nessas histórias é relegado a segundo plano. As super-heroínas serviam como interesse amoroso para os personagens masculinos ou como uma figura que necessitava ser salva pelos super-heróis, posição que reflete o papel da mulher na sociedade, que por muito tempo teve sua voz silenciada e ocupou um papel secundário em detrimento ao homem. Porém, com a eclosão de movimentos sociais, como o feminismo, as mulheres foram ganhando espaço na sociedade e conquistando cada vez mais direitos, conseqüentemente, as representações do ser feminino foram se modificando na indústria cultural. Aos poucos as heroínas saíram da sombra dos super-heróis e passaram a ocupar papel principal em suas narrativas, entretanto, mesmo diante dessas mudanças, elas continuaram tendo os seus corpos erotizados. Nessa

perspectiva, visando entender essa forma de exibição das heroínas, essa pesquisa procura responder as seguintes questões: Como acontece o processo de sexualização do corpo feminino nas narrativas quadrinísticas? Qual a relação dessa sexualização das mulheres com o imaginário coletivo dos leitores? Assim, temos como objetivo principal analisar como o corpo feminino é sexualizado nas capas das HQs, esse ponto inicial da pesquisa permite a constituição de outros objetivos que atravessam esse trabalho, são eles, investigar a construção discursiva das heroínas e compreender a representatividade feminina nas narrativas quadrinísticas

Nessa perspectiva, a fim de contemplar aos objetivos propostos e englobar a temática do trabalho, delineamos procedimentos metodológicos que consideramos necessários para esse estudo que se caracteriza por ser de natureza qualitativa, já que este tipo de pesquisa “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 31).

Nesse sentido, no que se refere à metodologia desta pesquisa, fizemos uso do método dedutivo, pois “parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica.” (GIL, 2002, p. 9) Desse modo, essa pesquisa busca uma perspectiva exploratória dos acontecimentos que não fique somente apenas no campo particular.

Diante desse contexto, selecionamos 9 (nove) capas de HQs impressas pela editora Marvel e DC Comics, desde os anos 2000 até o ano atual pelo fato de trazerem as heroínas como protagonistas e ao longo dos anos mostrarem disposições e enquadramentos diferentes sobre o corpo feminino, permitindo mapear o processo de sexualização sobre esses corpos. A escolha por esse *corpus* se justifica porque as duas editoras nos últimos anos mudaram completamente as capas que tinham como foco o corpo das personagens. Tais mudanças aconteceram depois de algumas polêmicas envolvendo a sexualização exacerbada de algumas heroínas diante de duras críticas por meio do público leitor feminino, pois de acordo com dados da pesquisa realizada pelo site ComicsBeat¹, atualmente quase 50% dos consumidores de HQ's são mulheres, uma realidade totalmente diferente de alguns anos atrás.

¹ Pesquisa retirado do link: <http://www.comicsbeat.com/market-research-says-46-female-comic-fans/>

Porém, mesmo diante dessa mudança de cenário, o corpo das heroínas continua a ser sexualizado.

Sendo assim, esse estudo está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado “*Análise do Discurso e a Constituição do corpo no dispositivo da Sexualidade*” apresentamos o percurso histórico da Análise do Discurso. Este capítulo consiste em expor os conceitos da AD através dos estudos de Brandão (2006), Orlandi (2009), Gregolin (2007) e Mussalim (2001). Posteriormente, a partir das postulações de Foucault (2014), buscamos demonstrar aspectos pontuais da história da sexualidade e sua importância nas transformações sociais. Em seguida, apresentamos reflexões sobre o corpo, para isso utilizaremos os estudos de Courtine (2008). Logo após, discutiremos sobre a origem das histórias em quadrinhos. Esse tópico consiste em uma forma de contextualizar a produção das HQs e o respectivo contexto histórico em que foram criadas, para assim relacioná-las com a representatividade das heroínas. Em seguida, refletiremos sobre o feminismo, buscando compreender como as pautas desse movimento ressignificaram as concepções sobre o ser mulher. Para isso teremos como base as orientações teóricas de Eisner (2016), Srbeek (2013), Tilly (1994), Moore (1997) entre outros.

O capítulo 2 (dois) “*Entre o corpo feminino e as HQs: sexualizando as heroínas*” apresenta análises das 9 (nove) capas fundamentadas no capítulo teórico anterior. As particularidades na análise dos aspectos imagéticos selecionados para o trabalho são a disposição do enquadramento dos corpos nas capas, bem como a composição dos uniformes das heroínas para a construção da imagem, bem como a mudança de gênero de um herói.

Por fim, procura-se compreender a percepção de que através das reivindicações dos movimentos sociais que lutam por igualdade entre gêneros, a sociedade contemporânea está construindo um olhar diferente sobre o corpo feminino e isso já é perceptível nos produtos culturais, como é o caso das HQs, um espaço que nos anos recentes vêm aumentando em suas edições o protagonismo das mulheres, mostrando o impacto que o contexto social tem para as representações femininas tendo em consideração como a figura feminina é representada nesse meio. Acreditamos que as pesquisas acerca desse tema, como é o caso do processo de sexualização, possam contribuir para discutir as relações entre corpo e sociedade.

CAPÍTULO I: ANÁLISE DO DISCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO CORPO NO DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

1.1 Primeiras Aproximações Teóricas: Origem da Análise do Discurso

A AD é uma área dentro da linguística que passa a considerar o sujeito, a história e o discurso como objetos de estudos. Nessa perspectiva, segundo Orlandi (2009) a análise do discurso (AD) tem como objetivo trabalhar a linguagem procurando explicitar como os posicionamentos ideológicos cristalizam o processo de produção dos sujeitos e seus discursos. Para Gregolin (2007), a AD se configura como um campo de estudo que proporciona ferramentas para a análise dos acontecimentos discursivos na medida que solidifica como objeto de estudo a produção de efeitos de sentido, efetivada por sujeitos sociais, que utilizam a materialidade da linguagem e estão inseridos em um contexto sócio histórico.

Segundo Orlandi (2009, p.6), a “análise de discurso produz realmente outra forma de conhecimento, com seu objeto próprio, que é o discurso. Este, por sua vez, se apresenta como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia.”. Nesse sentido, a AD propõe-se a investigar o exterior ao texto, levando em consideração as condições sociais históricas em que o discurso foi produzido. Mussalim (2001) diz que para compreender a gênese dessa disciplina é necessário entender as condições responsáveis por sua emergência. Em relação ao início da AD nos reportamos a Brandão (2006) ao afirmar que qualquer estudo da linguagem realizado hoje é de alguma forma atribuído a Saussure que tomando-o como referência a partir de suas postulações teóricas, ou porventura rejeitando-a, pois a AD afasta-se das postulações do mestre genebrino ao considerar a linguagem a partir de suas condições de produção.

Deste modo, como explica Brandão (2006), a linguagem é um lugar de conflito, de jogos de poderes e, conseqüentemente, não pode ser estudada fora da sociedade, o seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produções, foi sobre esse horizonte que nos anos 60 eclodiu uma nova tendência linguística: a Análise do Discurso. A fundação da AD ocorreu através dos pesquisadores Jean Dúbios, um lexicólogo envolvido com os empreendimentos da Linguística de sua época e Pêcheux, um estudioso dos debates em torno do marxismo e psicanálise. O que esses dois têm em comum são os trabalhos acerca do marxismo e política, abordando os

aspectos da luta de classes e dos movimentos sociais. É sobre os estudos do marxismo e de um momento do crescimento da Linguística enquanto ciência que nasce o projeto da Análise do Discurso, doravante AD (MALDIDIER 1994, p.113 *apud* MUSSALIM 2001).

Diante disso, para Orlandi (2009), se analisamos por um ponto de vista histórico a disciplina que hoje conhecemos como “análise do discurso” passou por transformações. Para Mussalim (2001), um estudo foi de extrema importância para a fundação da AD, a psicanálise lacaniana. A descoberta do inconsciente por Freud modificou substancialmente o conceito que se tinha de sujeito. De acordo com Mussalim (2001), Lacan defende que o inconsciente se estrutura como uma espécie de linguagem, se configura como uma cadeia de significantes latentes que repete e interfere no discurso, ou seja, é como se sobre as palavras, houvesse sempre outras palavras. Nesta perspectiva, para Brandão (2006), o sujeito configura-se como uma posição que irá ser preenchido por diferentes indivíduos que formulam enunciados, por isso deve-se excluir qualquer concepção unificante do sujeito.

Ainda sobre as contribuições de Lacan para a fundação dos postulados teóricos da AD, Mussalim (2001) diz que o sujeito não se encontra no consciente e sim no lugar permeado pela ilusão do “centro” como sendo aquele que sabe o que é, que sabe o que diz, mas que é encontrado onde não está, no inconsciente. Desse modo, a identidade do sujeito é outorgada “por um sistema parental simbólico que determina a posição do sujeito desde sua aparição.” (MUSSALIM, 2001, p, 120.). Esse pensamento lacainiano é imprescindível para o momento inicial da AD.

Na primeira fase da AD, de acordo com Mussalim (2001), as análises acerca dos discursos eram pouco polêmicas, pois eram produzidos em condições de produções homogêneas e estáveis, isto é, “no interior de posições ideológicas e de lugares sociais menos conflitantes.” (MUSSALIM, 2001, p, 130.). Já na segunda fase, ainda de acordo com os estudos de Mussalim (2001), o conceito de formação discursiva, elaborado pelo filósofo Michel Foucault desencadeia um processo de transformação no objeto de análise do discurso.

Para Gregolin (2007), as ideias de Michel Foucault em *Arqueologia do saber*, livro publicado em 1969, são fundamentais para a construção da análise do discurso, pois é nesta obra que o autor traça um panorama reflexivo sobre os seus trabalhos anteriores e estrutura uma série de conceitos decisivos para a abordagem do discurso.

Ou seja, no livro, o pensador francês traça um vasto campo de questões, que para Gregolin, podem ser resumidas nos seguintes pontos:

a) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas; b) os dizeres e fazeres inserem-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação; c) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico; d) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente); e) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico. (GREGOLIN, 2007, p. 14).

Conforme esses cinco pontos resumidos por Gregolin (2007), a AD não decorre de um ponto de análise específica, mas sim, do conjunto de relações, pois o discurso é um espaço que se constitui atravessado de saberes legitimados em determinado momento histórico pelas instituições de poder.

Na terceira fase da AD-3, para Mussalim (2001), o objeto de estudo é o espaço de trocas entre formações discursivas, ou ainda, o interdiscurso, que é entendido pela autora como sendo um conjunto de formações discursivas que podem levar um sujeito a ocupar inconscientemente uma posição no interior das relações. Mussalim (2001), enfatiza que os trabalhos de Dominique Maingueneau (1970) são bastante importantes para essa fase da AD, uma vez que o autor desenvolve postulados teóricos que modificam a forma como os analistas concebem o discurso.

Com base nestas discussões a respeito da Análise do Discurso, importa destacar que o discurso é o lugar onde as redes de poder se exercem e constituem as verdades de um momento sócio histórico. Sendo assim, justifica-se a importância de abordar no tópico seguinte a história da sexualidade para entendermos como as contexturas de poder vigentes são responsáveis por produzir e controlar os saberes acerca da sexualidade.

1.2 As tessituras de poder na História da Sexualidade

Em a “História da Sexualidade: a vontade do saber”, Michel Foucault (1999) expõe o funcionamento da engrenagem de poder legitimado pelos dispositivos disciplinares (igreja, exercito, escolas, família), que materializam as verdades na

sociedade. O pensador francês expõe um quadro da história da sexualidade, evidenciando como os mecanismos de poderes entrelaçados com as instituições disciplinadoras, legitimaram séculos de repressão da sexualidade e ao longo do tempo silenciaram o prazer feminino.

É necessário clarificar esse percurso acerca da sexualidade, para solidificar uma análise mais precisa sobre o nosso objeto de estudo. Para entendermos como se corporifica esse processo de sexualização do corpo feminino nas capas de HQs é imperativo conhecermos a história da sexualidade, para compreender como aconteceu esse silenciamento do prazer feminino, da erotização e sexualidade feminina, e por fim chegar ao processo de sexualização.

Para Foucault (1999, p.11), “a história da sexualidade devia ser lida, inicialmente, como a crônica de uma crescente repressão.” As sociedades burguesas do século XVIII foram responsáveis por reprimirem as manifestações da sexualidade, a família dita a repressão do ato sexual, a igreja fundamenta a verdade que o sexo tem apenas a função de reproduzir, assim, somente o casal conjugal é legitimado a praticar esse ato, pois precisam garantir a reprodução da espécie (FOUCAULT, 1999). Assim, nesse período, os dispositivos disciplinares alicerçam as demonstrações da sexualidade como uma forma de pecado, vergonha. Por trata-se de modelos de sociedades patriarcais, a repressão sobre o ser feminino é agravante e a mulher é subjugada.

Como demonstra Foucault (1999), falar sobre a sexualidade e conseqüentemente acerca do sexo era terminantemente proibido. O simples fato de surgir alguma instituição que explanasse sobre esses assuntos estava de certa forma transgredindo, desordenando a verdade imposta e assim posicionava-se fora do alcance do poder dos dispositivos disciplinares, antecipando uma luta de poderes. Segundo Foucault,

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. (FOUCAULT, 2014, p. 103.)

Assim, em qualquer sociedade existem redes de poder que transpassam e estabelecem o corpo social, é nessa tessitura de poder que os discursos sobre a sexualidade se fixam. Foucault (1999), explica que durante o século XVIII as instituições políticas, econômicas e científicas iniciaram os debates sobre sexo, formulando discursos que não são unicamente morais, mas fundamentado os de racionalidade.

Outra particularidade que marcou a contextura dos poderes no século XVIII, foi para Foucault (1999), o crescimento da “população”, como um desafio político e econômico. Os governos compreendem que necessitam não lidar somente com sujeitos individuais, e sim com uma população: “população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe.” (FOUCAULT, 1999, p.27), ou seja, a sociedade precisa lidar com as variáveis específicas dessa população, a taxa de vida, mortalidade, estado de saúde, doenças. Todos esses fenômenos causam efeitos particulares na rede de poderes e nos dispositivos, pois transformam a forma como atuam na sociedade.

Então, segundo Foucault (1999), o discurso das instituições que circulam e fundamentam a verdade, articula-se diante da realidade. Quando o sexo, principalmente do adolescente passa a ser um problema público, o silenciamento da sociedade é quebrado, os médicos juntamente aos professores dão conselhos às famílias, as escolas fazem projetos. Então, nos deparamos com condições novas de funcionamento do discurso. Se antes existia um poder que condenava a prática discursiva acerca da sexualidade e sexo, nesse momento temos produções de discursos múltiplas entrelaçadas a novas relações de poder.

Nessa perspectiva, Foucault (1999), explica que se deve compreender o poder como uma correlação de multiplicidade de forças que por meio de lutas e afrontamentos transforma, inverte e reforça as formas poderes, fundamentando sistemas ou cadeias que originam as instituições disciplinares que fundamenta as verdades na sociedade, para Foucault:

A "verdade" é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo

social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas"). (FOUCAULT, 2014, p. 12.)

Então, na concepção foucaultiana, entende-se como verdade não um conjunto de coisas verdadeiras que não se tem nada a fazer se não aceitar, mas sim o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder." (FOUCAULT, 2014, p.13.). As verdades circuladas na sociedade são solidificadas através dos dispositivos de poder estão sujeitas a serem modificadas pelas redes de poderes, como aconteceu com as concepções acerca da sexualidade. Assim, se nas sociedades burguesas patriarcais, a sexualidade é reprimida, o ato sexual servia unicamente para procriar. Essa realidade, essa verdade sobre e sexualidade foi se transformando de acordo com a luta entre poderes, e as instituições passaram a segmentar outras verdades.

A sexualidade para Foucault (1999) se configura como um dispositivo histórico, pois se fundamenta como uma rede de verdade que funciona de acordo com as conjunturas de poder. As primeiras práticas discursivas solidificadas pelo dispositivo da sexualidade foi em torno da mulher que atribuiu para o ser feminino obrigações conjugais e parentais. Diante dessa realidade, para Foucault (1999):

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização. (FOUCAULT, 1999, p. 98)

Assim, o dispositivo da sexualidade atravessou o corpo feminino como uma forma de controle, produzindo as práticas discursivas em torno do corpo discurso. Então, a história da sexualidade feminina é marcada pelas transformações no poder-saber. Durante um longo período o corpo da mulher é controlado pela repressão. Com o surgimento dos movimentos sociais, as instituições foram modificando os discursos

em torno da sexualidade feminina e com o estabelecimento de novos dispositivos como os meios midiáticos, surgiram inúmeras representações da figura feminina. Nesses discursos midiáticos, verificamos que há um conjunto de mecanismos de propagação da sexualidade feminina. Nesse contexto, no tópico seguinte, iremos refletir sobre a história do corpo, para tentarmos compreender os discursos que os transpassam.

1.3 A construção discursiva do corpo

O corpo é estudado pelos pesquisadores do discurso como uma realidade biopolítica, ou seja, as redes de poderes atuam no corpo, tornando-o marcado de história. Então, os controles da sexualidade assumem diferentes formas, e assim, para Foucault (2014), através dos dispositivos disciplinares as redes de poderes se entrelaçam nos corpos e a cada movimento do jogo de saber-poder essas verdades sobre o corpo vão se alterando. Nesse horizonte, as pesquisas sobre o corpo enquanto discurso é uma área em ascensão na AD.

Em *A História do Corpo* (2008), Courtine questiona como o corpo se tornou, em nossos dias, um objeto relevante de investigação histórica. Logo no início da obra, o pesquisador revela para os seus leitores que responder esse questionamento tornou-se interessante levando em consideração o paradigma cartesiano que dominava a filosofia até o fim do século XIX. Nessa realidade, tudo contribuía para o corpo assumir um papel secundário na sociedade, entretanto, na virada do século, a relação entre sujeito e o seu corpo foi redefinida, pois, como explica Courtine (2008), no final do século XIX a população acreditava em uma divisão entre corpo e espírito, já no século XX surgiu os questionamentos acerca do corpo carne.

Segundo Courtine (2008), esses conceitos surgiram por causa da psicanálise e foi Freud que elaborou o que seria o objeto de estudo de muitas investigações que viriam depois: o inconsciente se projeta através do corpo. O segundo momento que fundamentou o corpo como objeto de estudo foi o conceito criado por Edmund Husserl que enxergava o corpo humano como o “berço original” de toda significação. Courtine (2008), explica que o pensamento de Husserl influenciou toda a França da época. O terceiro passo da descoberta da importância do corpo aconteceu no espaço da antropologia, quando Marcel Mass viu a infantaria britânica desfilarem na primeira Guerra

Mundial (1914-1918). Segundo Courtine (2008) foi Mauss (1916) que notou que os passos do exército britânico eram diferentes dos franceses, assim, ele compreendeu a noção de técnica corporal e as diferentes formas de como os homens e sociedades distintas utilizam seus corpos.

Nesse panorama, Courtine (2008) afirma que através desses três acontecimentos o corpo foi ligado ao inconsciente, entrelaçado ao sujeito e encravado nas formas sociais de cultura. Entretanto, mesmo diante dessa realidade “faltava-lhe um derradeiro obstáculo a transpor: a obsessão linguística do estruturalismo” (COURTINE, 2008, p. 6) que vislumbrava o corpo apenas como uma rede de ilusões. Entretanto, na década de 1960 essa realidade começou a se modificar, pois o corpo desempenhou os primeiros papéis de rebeldia nos movimentos igualitarista de luta contra a dominação das hierarquias sociais, culturas, políticas. Desse modo,

“Nosso corpo nos pertence!” – gritava no começo dos anos 1970 as mulheres que protestavam contra as leis que proibiam o aborto, pouco tempo antes que os movimentos homossexuais retomassem o mesmo slogan. O discurso e as estruturas estavam estreitamente ligados ao poder, ao passo que o corpo estava do lado das categorias oprimidas e marginalizadas as minorias da raça, de classe ou de gênero pensavam ter apenas o próprio corpo para se opor ao discurso do poder. (COURTINE, 2008, p.9).

Então, enfatizando esse contexto, Courtine (2008) ressalta que se antes a linguagem era utilizada para impor silêncio ao corpo, com o surgimento dos movimentos igualitarista o corpo se tornou um instrumento de resistência, a ferramenta de uma revolução. Assim, com as conquistas das pautas dos movimentos sociais, as relações de poder-saber sofreram modificações, conseqüentemente os dispositivos fundamentaram novas verdades e o corpo passou a ser palco central dos debates culturais, transformando totalmente a sua significação. “Ele carrega, desde então, as marcas de gênero, de classe ou de origem, e estas não podem ser mais apagadas.” (COURTINE, 2008, p.9).

Assim, o corpo é um objeto social e cultural em que a história desnuda sua trajetória, significações e desvela como as redes de poderes através das instituições disciplinares fundamentam as verdades e produz o corpo dócil. Nos estudos de Courtine (2008), o véu que encobre a relação entre poder-dispositivo-saber é removido, esclarecendo que o corpo sempre teve papel principal. Courtine (2008), expondo a historização do corpo diz que o surgimento da AIDS, bem como outras

doenças transmissíveis como a sífilis, ocupa um lugar à parte nesse percurso histórico, pois projetou uma enorme sombra na liberdade sexual e demonstrou os limites da ciência.

Para Sohn (2008), o corpo sexuado também foi responsável por produzir novos discursos, pois, em meados de 1968, pela primeira vez os discursos acerca da sexualidade e práticas sexuais saíram do espaço privado e adentraram nas questões políticas da sociedade. Como elucidado anteriormente, foi necessário um longo processo de luta para que todos tivessem direito a sua própria sexualidade, pois existiam barreiras de tradições seculares. Como explica Anne-Marie Sohn (2008) não se podia mostrar as pernas ou o calcanhar para uma mulher ao final do século XIX.

Então, a história do corpo no século XX é cenário das doenças infecciosas, do crescimento da medicina, acontecimentos revolucionários, despertar da sexualidade, ou seja, cada episódio memorável da humanidade circunscreveu transformações no corpo. Anne-Marie Sohn (2008), explica que a publicidade tem grande papel na forma como a sociedade enxerga nossos corpos. Desde os anos 1900 que esse meio representa as mulheres usando espartilhos sedutores, nos cartões postais que até a década de 1940, se configurava como uma das principais ferramentas de massa representava a mulher sutilmente sexualidade.

Desse modo, os corpos são portadores de valores, especialmente o corpo das mulheres que se configuram como uma forte ferramenta de controle coletiva, dessa forma, as mulheres vêm lutando para que seus corpos pertençam a elas, conseguiram o direito a métodos contracepcionais controlando assim pela primeira vez a própria fecundidade, alcançaram acesso ao prazer e a sua própria sexualidade, assim, a luta feminina continua prosseguindo a relação com o seu corpo. Importa destacar que nos meios de representação culturais o corpo feminino sempre foi extremamente sexualizado, como é o caso das histórias em quadrinhos. Diante disso, a discussão seguinte vai abordar a origem das HQs, o percurso da luta feminista e consequentemente a representatividade feminina nos quadrinhos.

1.4 A origem das Histórias em Quadrinhos

Para Eisner (2016) em nossa cultura, os filmes e as revistas em quadrinhos são as principais ferramentas de contações de histórias através de imagens unidas ao

texto ou diálogo. O autor ressalta, que o estabelecimento e ascensão do que chamamos de revista em quadrinhos aconteceu ao longo de mais de 60 anos e continuaram a crescer como forma válida de leitura. De acordo com Srbek (2013), ao longo do século XX as HQs tem sido um meio de comunicação bastante difundido. Os quadrinhos conseguiram estabelecer um espaço próprio entre as demais linguagens e veículos da indústria cultural. Em geral, as pesquisas que tratam de sua origem remetem a uma tradição ancestral que remontaria ao período do paleolítico, quando os homens primitivos praticavam os seus dons artísticos nas paredes de cavernas. Conforme Srbek (2013), nesse horizonte cristalizar uma lista de “ancestrais” dos quadrinhos incluíram:

Os hieróglifos egípcios, com suas representações de cenas cotidianas e rituais; os murais da cidade maia de Bonampak, que representam batalhas e cerimônias religiosas; as iluminuras medievais ou a Tapeçaria de Baieux, que narra a invasão da Inglaterra pelos normandos; além de gravuras japonesas, que têm entre seus temas mais comuns combates entre samurais e narrativas mitológicas (SRBEK, 2013, p.4).

Entretanto, é nítido que os artistas pré-históricos e os artesões egípcios ou medievais não produziam história em quadrinhos, embora seja possível identificar algumas semelhanças formais. Para Srbek (2013), essa origem apenas demonstra que há séculos e nas diferentes sociedades os homens se utilizam de sequencias de desenhos para registrar particularidades do seu cotidiano ou contar histórias. A origem das histórias em quadrinhos como conhecemos está ligada ao Ocidente e ao aperfeiçoamento das técnicas de impressão.

De acordo com Srbek (2013), o surgimento da imprensa foi responsável por favorecer a efervescência intelectual que marcou toda a Europa do início da era moderna. Ressaltando, que nesse contexto a maior parte da população não sabia ler, então as imagens e comunicações visuais desempenharam um papel importante para as instituições de poder, “assim, o desenvolvimento da impressão de textos escritos foi acompanhado pelo aperfeiçoamento das técnicas de reprodução de imagens, logo adaptadas a variados temas e múltiplas funções.” (SRBKE, 2013, p. 5), ou seja, as gravuras difundiram-se completamente assumindo uma grande importância nas propagações de doutrinas.

As pesquisas acerca da origem dos formatos de quadrinhos como conhecemos atualmente são atribuídas ao ilustrador suíço Rodolphe Topffer, em concordância

Srbek (2013), explica que na década de 1890, Topffer publicou sua primeira história, *Histoires em Estamps* repleta de sequências de desenhos com legendas, ou seja, nessa história os desenhos não serviam somente como ilustrações para os textos escritos. As HQs agora tinham uma função narrativa própria e os textos escritos apareceram dentro das legendas, assim “a narrativa visual e linguagem verbal coexistem numa mesma obra.” (SRBKE, 2013, p. 9), assim, as obras de Topffer, direta ou indiretamente serviram de inspiração para outros ilustradores, que nas décadas seguintes consolidaram no mercado essa nova forma de comunicação e linguagem artística.

Segundo Srbek (2013), na época do lançamento das obras de Rodolphe Topffer na década de 1890, a linguagem dos quadrinhos foi utilizada por inúmeros desenhistas em várias partes do mundo. Então, para chegarem ao que são hoje, a linguagem e a indústria dos quadrinhos tiveram inúmeras contribuições internacionais (SRBEK, 2013). É importante ressaltar que foi nas primeiras décadas do século XX, em que os Estados Unidos, se consolidando como potência econômica foi o país que teve uma maior contribuição para o seu desenvolvimento e popularização. Com o sucesso dessas narrativas, os editores e desenhistas investiram em novas temáticas, pois até então, predominava o gênero cômico.

Conforme Esiner (2010), por volta de 1934, as primeiras revistas de quadrinhos continham somente coleções aleatórias de obras curtas. Entretanto, com o surgimento do formato *graphic novels* (novelas gráficas) essa realidade se modificou, pois, de acordo com Srbek (2013), investiram em publicações periódicas de grande tiragem, totalmente desvinculadas dos jornais, e assim surgiram os primeiros quadrinhos de aventuras heroicas e épicas Tarzan e Buck Rogers, na década seguinte foram criados mais duas célebres séries de quadrinhos heroicos. A seguir, pode-se visualizar as três primeiras HQs publicadas.

Figura 1: A Tarzan e Buck Rogers – 1929



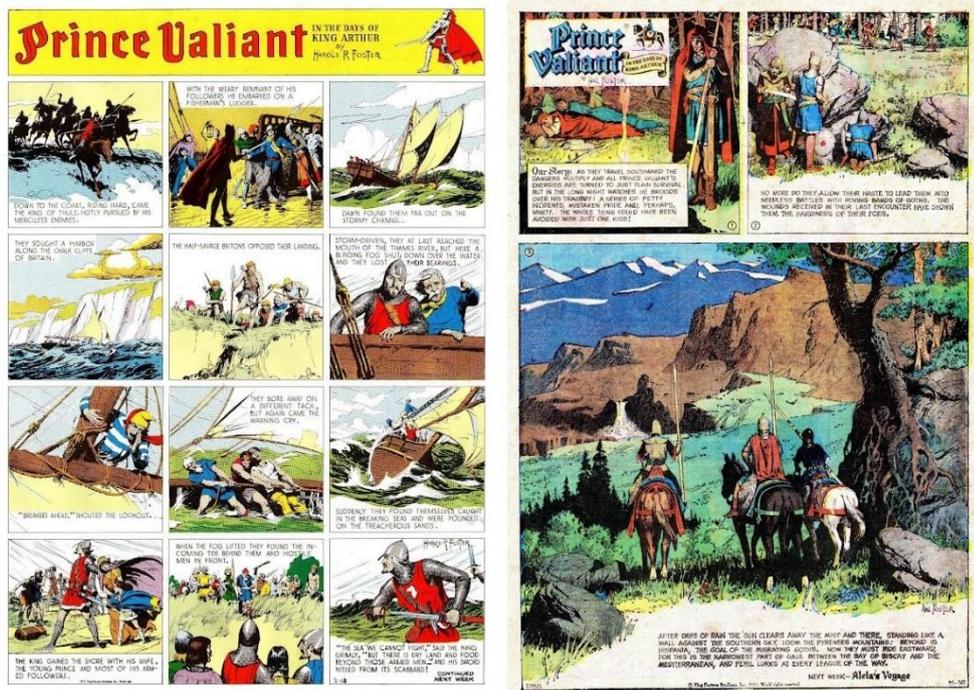
Disponível em: <https://newspapercomicstripsblog.wordpress.com/2016/01/09/buck-rogers/>

Figura 2: Flash Gordon de Alex Raymond



Disponível em: <http://acesweeklyblog.com/todays-panel-flash-gordon-by-alex-raymond/>

Figura 3: Príncipe Valente de Harold Foster



Disponível em: <http://quadro-a-quadro.blog.br/75-anos-do-principe-valente/>

Os ilustradores Jerry Seigel e Joe huster, publicaram em 1938 na revista *Action Comics* o personagem que inaugurou o gênero “super-herói”, o Super-Homem. Conforme Srbek (2013), após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos insurgiram como a maior potência do Ocidente, então os super-heróis criados pelas empresas norte-americanas estavam repletos de sentimentos de nacionalismo americano, como é o caso do Capitão América, herói que na sua narrativa lutava contra os nazistas. Então o que seria apenas um simples quadrinho, transformou-se em uma ferramenta cultural que despertava nos jovens noções de amor à pátria.

De fato, até hoje, os quadrinhos são utilizados como ferramentas de propagações de ideias. A partir do que foi exposto, podemos compreender que nas narrativas quadrinistas circulam representações culturais. Assim, veremos adiante, a representação feminina nas HQs e a relação dessa representatividade com o contexto histórico das mulheres na sociedade.

1.4.1 As mulheres nas Histórias em Quadrinhos

As personagens femininas sempre tiveram representações nas histórias em quadrinhos, porém por um longo período ocuparam um papel secundário, sem grande representatividade para o desenrolar do fio narrativo. Essa representação feminina é retratada no livro “Curso de Direito Social” da atividade feminista Jeane Derooin: “A mulher ainda uma escrava, permanece em silêncio. (...) Subjugada pelo domínio masculino, ela nem sequer aspira à sua própria libertação; o homem é que deve libertá-la”², quando as heroínas aparecem nos quadrinhos são extremamente objetificadas e sexualizadas. Esse fenômeno ocorre porque as editoras Marvel e DC Comics visam atingir o público-alvo, que até um tempo atrás, majoritariamente era composto pelo sexo masculino. Assim, os ilustradores passaram a utilizar recursos visuais como corpos exuberantes que se encaixa nos padrões de beleza e roupas colados para ressaltar as curvas femininas.

Como produto cultural, as narrativas publicadas nas HQs se entrelaçam com o contexto social da época, assim de início o universo feminino foi silenciado. A criação da primeira super-heroína acompanhou o surgimento das lutas de gênero e igualdade de direitos. A Mulher Maravilha foi criada na década de 1940 pelo psicólogo William Moulton Marston na DC Comics³, essa personagem teve sua primeira aparição na revista em quadrinho *All Star Comics 08* (1941), onde a Sociedade da Justiça, uma equipe de super-heróis estava recrutando novos membros. Diana popularmente conhecida como a Mulher Maravilha foi a primeira personagem feminina a entrar nesse universo. Essa HQ, *All Star Comics 08* (1941), foi um marco histórico na representatividade feminina. Entretanto, mesmo com a aclamação em torno dessa história, a primeira representação da mulher maravilha continha alguns estereótipos, como ela sendo uma jovem secretária trabalhando para um empresário, e vestindo roupas destacando o seu corpo curvilíneo⁴.

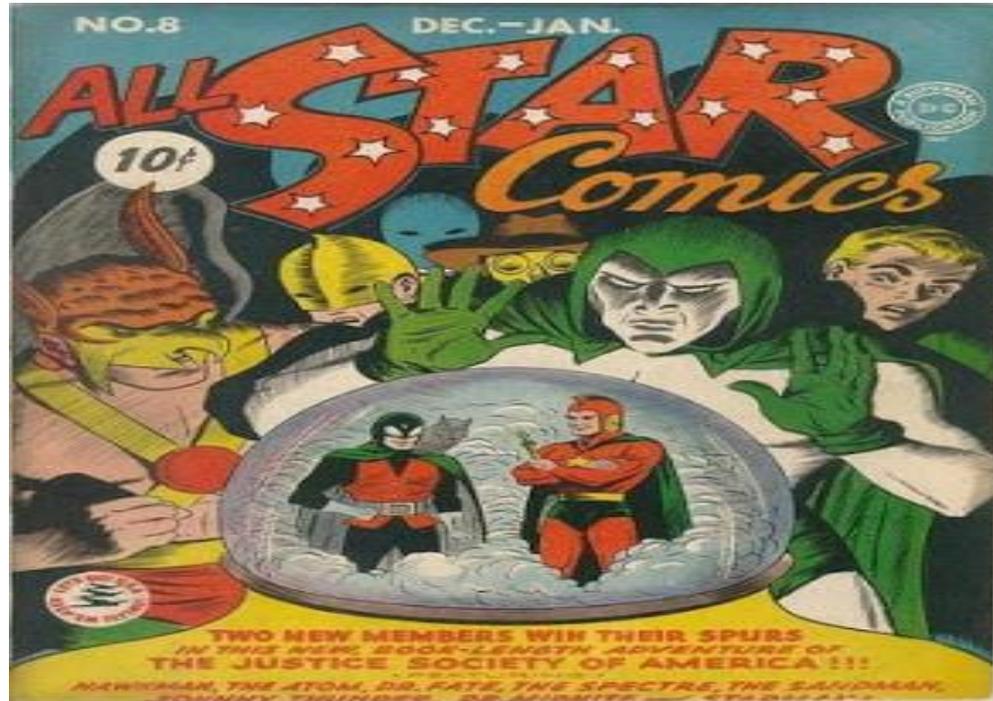
² Citação extraída da matéria publicada no site: <http://atl.clicrbs.com.br/infosfera/2015/10/22/as-mulheres-nas-historias-em-quadrinhos-as-super-heroínas-e-a-desigualdade-entre-homens-e-mulheres/>

³ Informações encontradas no acervo digital do <http://atl.clicrbs.com.br>

⁴ Material encontrado no texto publicado em <http://intothecomiverse.blogspot.com/2015/09/guia-de-leitura-mulher-maravilha-parte.html>

A imagem a seguir é a capa da revista *All Star Comics 08* (1941) é notável que mesmo sendo a primeira HQs com a presença de uma super-heroína ela não é representada na capa.

Figura 4: All Star Comics 08 (1941)

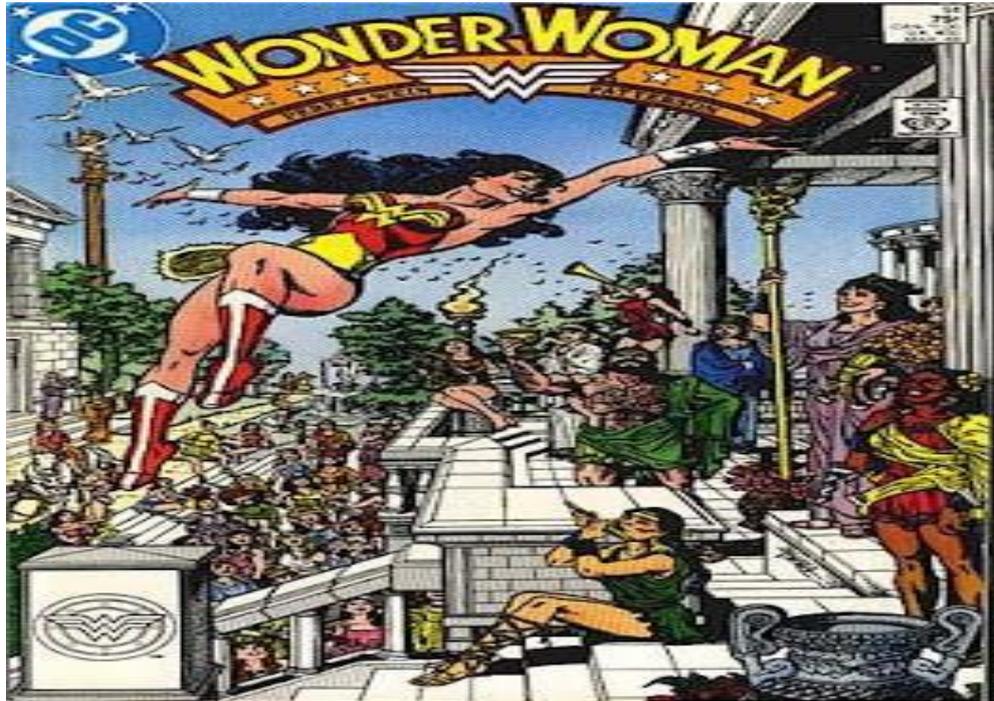


Disponível em: <http://hqvintage.blogspot.com/2017/04/all-star-comics-08-revista-com-primeira.html>

Com o passar do tempo o feminismo foi abalando as estruturas do poder patriarcal e ganhando força na sociedade, conseqüentemente isso refletiu no mundo dos quadrinhos. A Mulher Maravilha em 1987 ganhou um arco de narrativa somente seu, intitulado Desafio dos Deuses. Essa heroína foi criada para fazer um contra ponto ao Super-Homem, uma versão feminina desse super-herói e a exemplo dessa heroína, inúmeras outras foram criadas tanto pela DC Comics como pela Marvel.

Na Marvel Comics, a primeira HQ a representar uma super-heroína forte foi as sagas dos *X-men*. Jean Grey sempre ocupou posição de destaque e foi uma das primeiras mulheres a entrar na Escola para Jovens Superdotados, o Instituto Xavier, o restante da equipe principal era toda composta por homens. Outra heroína que marcou o início das representações femininas nas HQs é a super-heroína Tempestade, que além de representar as mulheres, também representava a cultura africana, pois é uma heroína negra, de origem africana. A seguir temos duas construções imagéticas que representam essas heroínas.

Figura 5: Desafio dos Deuses – 1987



Disponível em: <https://intothecomiverse.blogspot.com/2015/09/guia-de-leitura-mulher-maravilha-parte.html>

Figura 6: Tempestade



Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/tempestade/>

Nessas ilustrações, temos a representação visual das duas heroínas que marcaram as histórias das HQs, a Mulher Maravilha e Tempestade. Até hoje, elas são heroínas bastante populares entre o público. Entretanto, mesmo sendo personagens femininas fortes, os seus corpos são erotizados, isso é evidente nas imagens acima. Ciente dessa realidade da representação das heroínas, o tópico seguinte abordará uma breve contextualização da história do movimento feminista, para tentarmos compreender como as pautas desse movimento ressignificaram as concepções do discurso sobre o ser mulher e como isso refletiu na representatividade feminina nas HQs.

1.5 Igualdade e Liberdade: A luta Feminista

Para Tilly (1994), ainda que definidas por um longo tempo da história da humanidade somente pelo sexo, as mulheres são muito mais do que uma simples categoria biológica. Em um âmbito no qual se solidifica crenças e ideologias decorrentes das estruturas de poder dominantes, a vida das mulheres é lapidada por costumes e regras sociais, porém “um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social” (LOUISE TILLY, 1994, p.31), toda a história é fruto de um contexto político, entretanto, poucas histórias tem uma ligação tão forte com as transformações sociais como a história das mulheres que foi escrita a partir de inúmeras lutas feministas.

Segundo Nancy Cott (1987, p. 4-5 apud LOUISE TILLY, 1994, p. 31-32) o feminismo se caracteriza pela defesa da igualdade dos sexos. No livro “*O que é feminismo*” as autoras Alves e Pitanguy (2017) elucidam a trajetória desse movimento. Para Alves e Pitanguy (2017), o feminismo surgiu em um momento histórico em que outros movimentos igualitários denunciavam formas de opressão que não se limitavam apenas ao econômico, assim, o feminismo denunciou o caráter subjetivo da opressão, revelando os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política de poder.

Enquanto movimento social de luta, conforme Alves e Pitanguy (2017), o feminismo procurou romper com as formas tradicionais de opressão e recriar a identidade do gênero e sexo. Segundo Moore (1997), a distinção entre sexo biológico e gênero foi de extrema importância para a crítica feminista nas ciências sociais, isto

porque possibilitou aos estudiosos demonstrar as relações entre mulheres e homens e, conseqüentemente, os significados simbólicos atrelados às categorias de “homem” e “mulher”, fornecendo evidências que esses significados são socialmente solidificados e assim, não podem ser considerados naturais e fixos, demonstrando que as relações de gênero são historicamente variáveis e culturais.

Neste cenário, com o avanço das pautas feministas a condição de existência feminina foi se modificando. É importante ressaltar que antes do surgimento desse movimento, as mulheres viviam em condições de silenciamento, por exemplo, na Grécia, a mulher tinha papel equivalente à do escravo, no sentido de que os escravos, assim como as mulheres eram desvalorizados pelo homem livre (ALVES E PITANGUY, 2017). Já nas sociedades burguesas, a mulher tem como função primordial a reprodução da espécie humana. Entretanto, na contemporaneidade esses discursos sofreram modificações.

Conforme Moore (1997), todas as culturas têm formas diferentes de atribuir significações para os corpos, ou seja, todas as sociedades têm seus próprios discursos acerca do “sexo” e eles permanecem em uma espécie de relação de dependência que dão origem as redes de poder. Em outras palavras, o que entendemos sobre os conceitos de mulher e homem é um efeito das práticas culturais.

Partindo da ideia que as HQs são produtos culturais, como elucidado anteriormente e assim representam as simbologias circuladas nas sociedades, assim, justifica-se analisar nessa, o lugar da mulher nas historinhas em quadrinhos, aspecto que apresentamos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II – REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS HQS: A SEXUALIZAÇÃO DAS HEROÍNAS

Como produto cultural, as histórias em quadrinhos refletem as mudanças da sociedade, ou seja, as narrativas heroicas que circulam nesse espaço refratam o contexto socio-histórico em que são criadas e propagadas. Desde sua origem até algum tempo atrás, o mundo dos quadrinhos se cristalizou como um universo composto majoritariamente por homens. Essa predominância masculina se configura por existir mais super-heróis homens do que super-heroínas e quando existe a presença das personagens femininas geralmente são poucas exploradas e ocupam um espaço secundário em detrimento aos personagens masculinos. Existem também nas HQs características que são atribuídas ao gênero masculino e feminino. Aos super-heróis são atribuídas características como a força, liderança, inteligência e às super-heroínas, o corpo cheio de curvas, uniformes sexys e um interesse amoroso.

Durante um longo tempo, as personagens femininas foram representadas nas HQs como incapazes de se protegerem, sendo colocadas na condição de “donzelas em perigo”. Mesmo as heroínas que em tese deveriam ser tão fortes como os homens, pois também possuíam poderes, necessitavam constantemente do auxílio de um personagem masculino, pois geralmente no arco das narrativas elas cometiam algum erro, o que colocava as missões heroicas em perigo e, conseqüentemente, surgem os super-heróis para ajudar e salvar a missão.

Como o objetivo da nossa pesquisa é analisar o processo de sexualização do corpo das heroínas na capa das HQs cabe discutir um pouco sobre o posicionamento e enquadramento de um modo geral das heroínas para situar com mais eficácia o lugar que essas personagens femininas ocuparam por um longo tempo nessas histórias e, por conseguinte materializar uma análise sobre o nosso objeto de estudo. Elencamos duas categorias de análises, os enquadramentos que sexualizam o corpo feminino nas HQs e, em seguida, discutiremos sobre a mudança de gênero de um herói, ressaltando, que essa alteração do gênero masculino para o feminino, fundamenta-se como uma tentativa da editora para contar com mais representatividade em suas histórias, porém, o corpo da heroína é sexualizado, fato que não ocorria quando o personagem era masculino.

2.1 A sexualização do corpo feminino nas capas das Histórias em quadrinhos

Os tempos mudaram, surgiram diversos movimentos sociais e conseqüentemente, algumas concepções da sociedade passaram por transformações. Nessa perspectiva, ocorreram mudanças significativas na história das mulheres, elas lutaram para ser ouvidas e conquistaram espaço no meio social. Porém, nas HQs elas continuam a ser objetificadas sendo retratadas com corpos sexualizados e enquadradas em poses sensuais. Nesse contexto, a edição da revista Liga da Justiça publicada em 2012 traz na capa a seguinte imagem:

Figura 7: Liga da Justiça



Disponível em: Revista DC Comics – 2012

Nessa capa, temos a formulação imagética de um dos primeiros grupos de super-heróis formados e o primeiro a ter uma super-heroína como membro, a Mulher Maravilha. É visível o enquadramento dos componentes da equipe: seis homens e uma mulher. Nesse contexto, nos deparamos com a desigualdade numérica entre os gêneros, o posicionamento da única heroína também nos chama atenção, ela é posicionada quase no final da imagem, posição que revela seu lugar em relação aos seus companheiros.

Podemos notar também a divergência entre as roupas: nos heróis, as roupas cobrem totalmente seus corpos. Na Mulher Maravilha é utilizado como ferramenta para destacar as suas curvas, a exposição estratégica de partes do seu corpo sexualiza a personagem. Percebemos que existe somente outro personagem com alguma parte do seu corpo descoberta, o super-herói de codinome Aço. Porém, no contexto da HQ, isso ocorre porque na narrativa Aço perdeu parte de sua armadura em uma luta, no caso da heroína, desde a sua criação que o uniforme sexualiza as curvas do seu corpo.

Nesses termos, para Foucault (2014) afirma que o corpo social é constituído pela universalidade das vontades, assim, é o consenso que o fundamenta. Nessa conjuntura, percebemos o poder se exercendo sobre o corpo das heroínas, pois as HQs são ilustradas majoritariamente por ilustradores masculinos para o público leitor, que por um longo tempo foi composto somente por homens. Então, nesse espaço, o poder é legitimado pelo olhar masculino. Na capa a seguir, da Revista, “A Saga da Fénix Obscura” ilustrada pelo desenhista Terry Austin, temos a construção imagética do corpo feminino pelo olhar masculino.

Figura 8 : A Saga da Fénix Obscura



Disponível em: Revista *Marvel Comics* 2000.

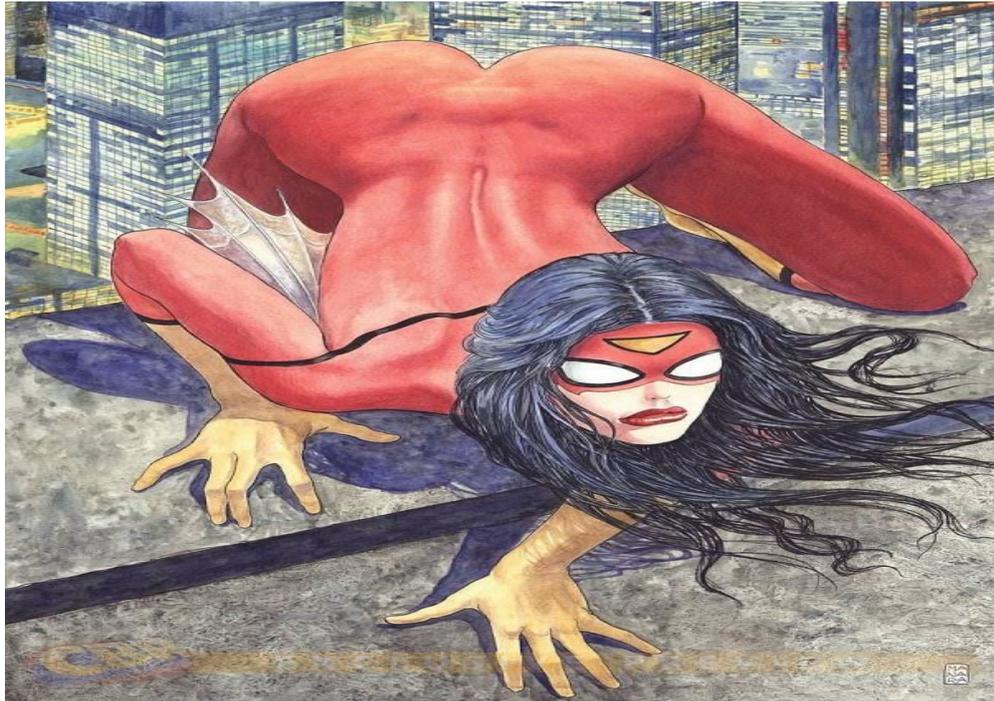
Nessa capa, nos deparamos com a fetichização da heroína, a disposição e o ângulo em que a personagem é retratada e a sua roupa, um vestido curto ressaltando

e expondo as suas curvas a sexualiza. Em relação ao seu companheiro de equipe, o mesmo fenômeno que ocorre na figura 7acontece na figura 8, o uniforme do personagem masculino cobre totalmente o seu corpo, são as suas companheiras que têm o corpo objetificado, enquadradas em ângulos e em poses sexualizadas,

Assim sendo, percebemos que nessa imagem o poder penetra no corpo da heroína. Para Foucault (2014), o corpo humano é transpassado por uma rede de poderes que o submete, o tornado dócil, deste modo, o corpo da super-heroína é docilizado pela tessitura de poderes que atuam no espaço das HQs, assim, por ser um ambiente marcado pela presença do gênero masculino, o corpo das personagens femininas é transpassado pela dominação masculina.

Para Eisner (2010), a arte dos quadrinhos trabalha com representações facilmente reconhecíveis da conduta humana, ou seja, os desenhos das HQs se estabelecem como um reflexo no espelho, pois dependem das informações armazenadas na memória de cada leitor, para que ele consiga visualizar, processar e aceitar uma imagem rapidamente. Assim, é necessário transformar as imagens em símbolos que se repetem, então, para se comunicar de forma eficaz, o ilustrador tem de estar em sintonia com o que é universalmente aceito. O que no caso das histórias em quadrinhos significa ilustrar representações idealizadas e estereotipadas para as personagens. Nessa perspectiva, na imagem a seguir, nos deparamos com a esteoritipazação do corpo sexual feminino.

Figura 9: Capa da Mulher Aranha ilustrada por Milo Manara



Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/milo-manara-desenha-capa-alternativa-para-mulher-aranha/>

Nesta construção imagética da capa da Mulher Aranha, divulgada em 2014 pela editora Marvel Comics, nos deparamos com o processo de sexualização do corpo da heroína. O seu uniforme extremamente colado ao corpo resalta as suas curvas, o posicionamento do seu corpo lembra a uma posição do ato sexual. Em relação à expressão facial da heroína, os lábios carnudos e vermelhos se destacam. Assim, a beleza e a sensualidade da heroína são os elementos explorados na constituição dessa capa, ou seja, são utilizados elementos comuns na construção das heroínas que sexualiza a figura feminina. Porém, essa capa gerou um dos episódios mais polêmicos da história da Marvel Comics, a empresa foi acusada de machismo pelo seu público leitor feminino.

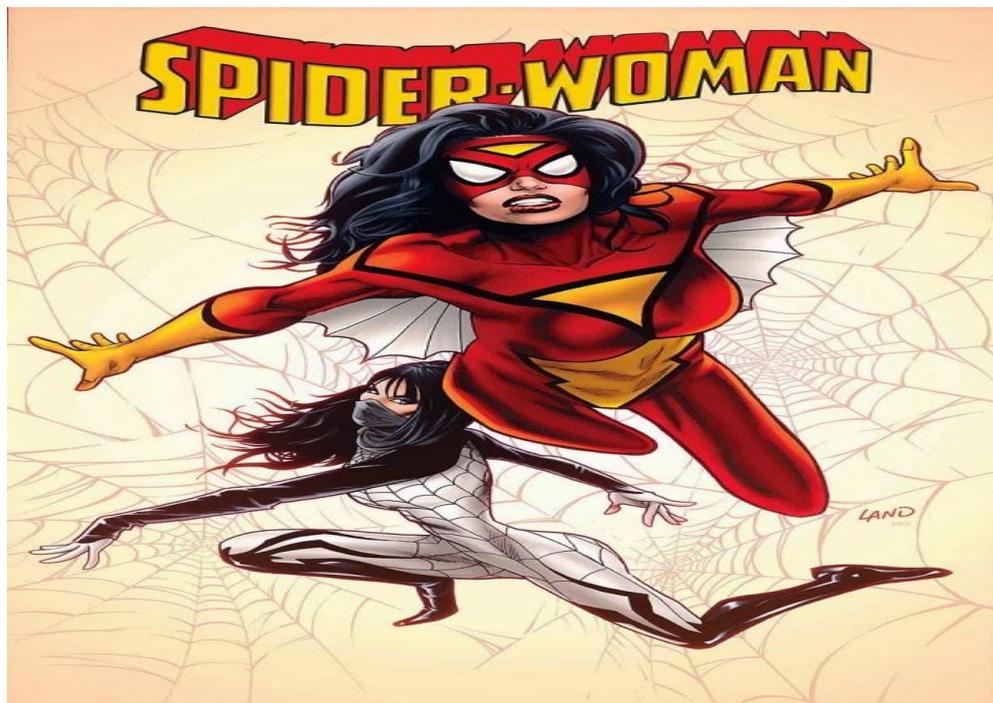
Diante das acusações, a Marvel Comics emitiu um comunicado oficial, a empresa se justificou afirmando que a capa não seria mais circulada nas livrarias ao redor do mundo. Sobre esse horizonte, notamos que a sexualização do corpo das heroínas não é mais legitimada como no passado. Nessa perspectiva, tentando entender os motivos que provocaram essas mudanças nos reportarmos ao feminismo, pois entendemos que esse posicionamento das leitoras ocorreu por causa das transformações que as lutas feministas causaram na sociedade. A mulher passou a ocupar cada vez mais espaço no meio social e transgredir a submissão patriarcal a

qual foi imposta por vários séculos, realidade que reflete nos meios de comunicação e nos produtos culturais como as HQs, pois, as mulheres não se sentem representadas por heroínas submissas com os corpos objetificados somente para atrair o olhar do público masculino e por terem conquistado voz na sociedade passaram a lutar por representatividade real nas narrativas das HQs.

Este fato fez com que a Marvel e DC Comics repensassem o papel das mulheres em suas revistas, adotando medidas para conquistar o público feminino, como transformar as histórias das personagens, modificar seus uniformes e até mesmo transformar o gênero de alguns heróis, mudando do masculino para o feminino, porém, mesmo com essas medidas adotadas com o objetivo de melhorar a representatividade feminina, o corpo das heroínas continua a ser sexualizado..

Conforme Eisner (2010), nas histórias em quadrinhos, a postura do corpo tem prioridade sobre o texto, nessa perspectiva, atentamos nosso olhar para os novos elementos da capa da mulher aranha a seguir:

Figura 6: Nova Capa por Skottie Young



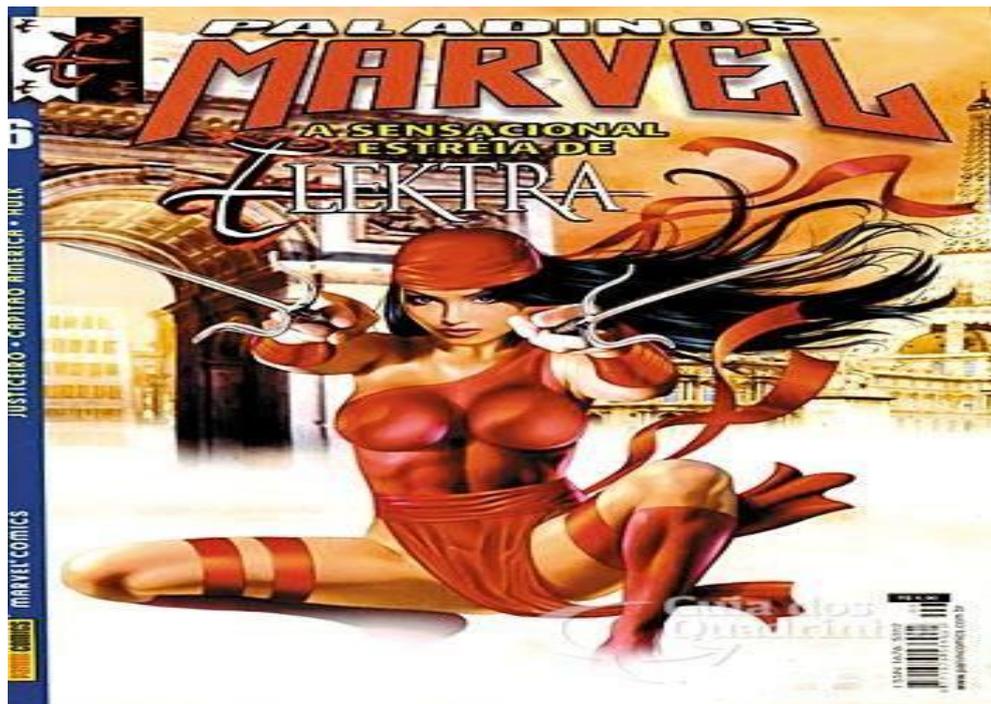
Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/milo-manara-desenha-capa-alternativa-para-mulher-aranha/>

Percebemos em relação à figura anterior uma mudança na construção imagética. As teias de aranhas nos remetem aos poderes da personagem, bem como as espécies de membranas brancas entre os seus braços mostra o poder de voar que

a heroína possui. Entretanto, mesmo com essas mudanças, o corpo da heroína ainda continua sendo sexualizado, pois a sua roupa continua destacando as suas curvas, o enquadramento ressalta os seios da heroína. Em segundo plano, foi acrescentada a arqui-inimiga da mulher aranha revelando informações novas para o leitor, que a narrativa irá ter outra personagem feminina, mas que também é sexualizada, pois o enquadramento desse segundo corpo ressalta as curvas exuberantes da anti-heroína.

Courtine (2008), ao explicar sobre a fabricação do corpo sedutor diz que houve uma domesticação geral dos corpos e a representação da mulher fatal é fetiche dessa sexualização corporal revelando o desejo dos espectadores. As personagens femininas encarnam as fantasias das sociedades. Dessa forma, a erotização do corpo das heroínas pode revelar desejos do público leitor dessas histórias. Na capa a seguir, a edição da revista da super-heroína Elektra representa esses desejos.

Figura 10: Elektra / Marvel nº 6 - 2002



Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com>

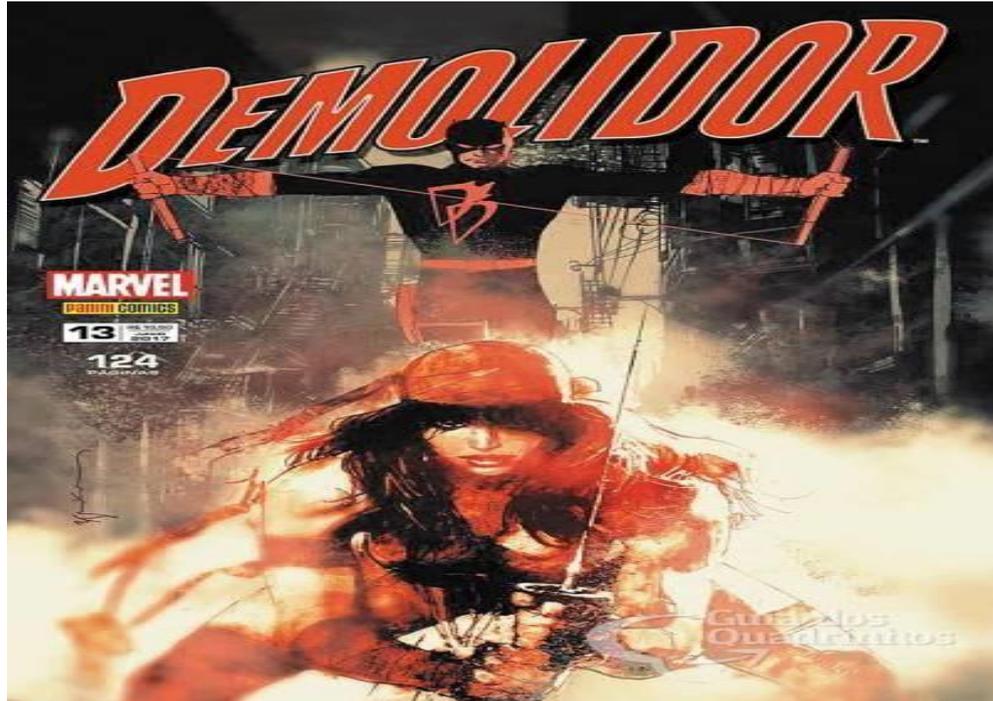
Na capa acima temos a representação dessa mulher fatal mencionada por Courtine (2008). Elektra é uma anti-heroína criada por Frank Miller e teve sua primeira aparição na revista do Demolidor em 1981. A personagem foi criada para ser o interesse amoroso do herói Demolidor, apesar de ser extremamente habilidosa, pois é faixa preta em diferentes artes marciais, a sua história por um longo tempo se desenvolveu em torno do seu par romântico. Então, temos uma personagem feminina

habilidosa, mas o seu fio narrativo gira em torno do seu envolvimento amoroso com um herói, o que podemos interpretar como uma fantasia criada para despertar os desejos dos leitores masculinos, haja vista que Elektra é sexualizada e tem sua narrativa definida a partir de ações de um herói.

Na imagem, o corpo de Elektra é enquadrado em um posicionamento extremamente sensual. O seu curto uniforme se adere a partes específicas do seu corpo, ressaltando atributos físicos. Em suas mãos, a heroína segura um par de sais, armas que são sua marca nas HQs. Entretanto, elas ficam em segundo plano em relação à sua sexualização. A postura do seu corpo e a disposição de parte da sua roupa sexualiza a anti-heroína. Para Eisner (2010), nas HQs, a postura do corpo é um movimento cuidadosamente selecionado de uma sequência de momentos relacionados de uma única ação. O ilustrador seleciona a postura a partir de um fluxo de movimentos para revelar ao leitor o segmento de uma história, então ela é congelada e ilustrada nos quadrinhos em determinado bloco de tempo. Deste modo, percebemos que na construção dessa capa, a escolha da postura do corpo da personagem nos revela algum elemento da história, a erotização da personagem. É interessante ressaltar o ano de publicação das capas, a de Elektra foi publicada pela Marvel Comics em 2002 e foi universalmente aceita, sem polêmicas por parte dos leitores. As da Mulher Aranha (figuras 4 e 6) foram divulgadas em 2016. Nesses termos, é possível afirmar que aconteceram mudanças no público consumidor entre esses anos, pois a sexualização do corpo das heroínas não está mais sendo aceita como outrora.

Entre 2002 a 2016 ocorreu a popularização dos filmes de super-heróis, acontecimento que gerou a massificação dos quadrinhos na grande massa, tendo em vista que antes apenas uma parte significativa da sociedade lia esse tipo de história. Com o surgimento das adaptações das HQs nos filmes, os jovens em geral se interessaram pelas histórias em quadrinhos e passaram a consumir seus produtos. A partir desse quadro surgiram novos debates acerca das narrativas quadrinistas e da representatividade das heroínas e diante dessa realidade iniciaram-se as mudanças. Na imagem a seguir, podemos perceber algumas mudanças na construção imagética das capas.

Figura 11: Daredevil n° 6/2016 - Marvel Comics



Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com>

Essa capa trata-se de um arco-narrativo do super-herói Demolidor em que a personagem Elektra é figura de destaque. Percebemos a diferença de enquadramento entre essa imagem e a da (Figura 12). Entretanto, notamos que o corpo da heroína continua sexualizado. Nessa imagem, a postura do corpo de Elektra nos remete a uma posição de luta, a forma como as mãos dela segura a espada e a disposição da arma segmenta a sequência visual que ela está preparada para entrar em combate, porém está enquadrada em uma posição sexual, outro elemento que corrobora para a sexualização do seu corpo é o fato que mesmo encoberto por uma espécie de nevoeiro branco. Podemos notar que o seu uniforme continua o mesmo, ressaltando os seus atributos físicos.

Neste cenário, devemos atentar também para as mudanças de gêneros ocorridas nas HQs, pois essas alterações e novas formas de representatividades foram adotadas pelas editoras *Marvel* e *DC Comics* na tentativa de lidar com as críticas do público leitor feminino, então as empresas modificaram o gênero de alguns personagens, transformando os heróis masculinos em femininos, para as mulheres se sentirem mais representadas. Entretanto, notamos que mesmo com essas mudanças de gênero, o corpo feminino continua sendo sexualizado. Assim, o tópico seguinte aborda essas mudanças de gêneros, sobre o viés da sexualização do corpo das heroínas.

2.2 Um olhar sobre a mudança de gênero dos personagens nas HQs

A *Marvel* criou o projeto “*All-New, All-Different*”⁵ (Em tradução livre: Tudo novo, tudo diferente) aproximadamente há dois anos. Essa iniciativa mostra o esforço da editora em se adaptar ao novo público de leitores e as suas demandas por representatividade, os editores da *Marvel* sentiram a necessidade de reformular seus personagens para ganhar novamente espaço nas vendas. Assim, criaram novas histórias em que as suas personagens se tornaram mais representativas e mudaram o gênero de alguns heróis para versões femininas. Nesse contexto, iremos analisar três capas de revistas de uma super-heroína que foi criada a partir dessa mudança de gênero.

A transformação que causou mais repercussões nas redes sociais é a do herói Thor Odinson, que na mitologia nórdica é o Deus do Trovão. No novo arco de sua narrativa ele foi substituído por uma mulher, pois se tornou indigno de levantar o martelo de Mjöllnir, ferramenta repleta de poderes místicos que só pode ser manuseada por alguém puro de coração. A seguir, temos a construção imagética dessa nova personagem.

Figura 12: *Marvel* apresenta Thor em versão feminina-2014



Disponível em: <https://br.pinterest.com/>

⁵ Informação encontrada em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/20/A-mudan%C3%A7a-de-g%C3%AAnero-e-etnia-nos-quadrinhos-de-super-her%C3%B3is>

Figura 13: Capa Ilustrada por Esad Ribic e Russel Dauterman - 2014



Disponível em: <https://br.pinterest.com/>

Nas figuras 12 e 13, temos as duas capas publicadas pela editora Marvel Comics quando fez o anúncio que a nova portadora dos poderes místicos do martelo *Mjölfnir* é uma mulher. No que se refere à construção imagética dessa nova heroína, percebemos o processo de sexualização sobre o corpo. Na imagem 12, o corpo está enquadrado em um posicionamento que não sexualiza as curvas, porém o seu uniforme, uma armadura de guerreira com elementos que relembram a cultura nórdica ressalta os seus seios, sexualizando a personagem.

Na imagem 13, o rosto da super-heroína está em posição de destaque. Para Eisner (2010), a representação da superfície do rosto tem um papel primordial na comunicação das HQs, pois é nessa superfície que o leitor espera encontrar elementos que revelem emoções. Então, o rosto é utilizado com frequência pelos ilustradores para expressar a mensagem inteira do movimento corporal. Assim, a expressão fácil da personagem feminina está retratada de forma séria, está enquadrando a fisionomia de uma guerreira. A próxima capa corrobora nossa afirmação.

Figura 14: O "novo Thor" tem câncer – 2015



Disponível em: <https://br.pinterest.com/>

Tempos depois, foi revelado a identidade secreta da mulher que assumiu os poderes de Thor, Jane Foster, que no atual momento de sua vida está lutando contra um câncer de mama. Entretanto, mesmo a personagem lutando contra essa doença, tem o seu rosto doente sexualizado, o batom ressalta a sua boca carnuda, a sua expressão facial é retratada em traços fortes, firmes simétricos e sexy.

As duas maiores editoras do mercado Marvel e DC Comics reformularam suas heroínas, criando narrativas com profundidades acerca das origens dessas personagens para o crescente público de leitoras femininas se sentirem representadas, porém, mesmo com essas transformações o corpo das super-heroínas continua a ser sexualizado. Desta forma, percebemos que as redes de poder expostas por Foucault (2014), estão atravessando essas duas categorias de análise, pois todas as capas analisadas nesse corpus foram ilustradas por desenhistas homens, ou seja, o corpo é interpretado e sexualizado pelo olhar masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, procuramos analisar em 9 (nove) capas das histórias em quadrinhos a construção da sexualização do corpo das heroínas, tendo em consideração que nas HQs, a mulher primeiramente foi colocada em papel secundário servindo apenas como uma forma de instrumento para o desenrolar do fio narrativo dos heróis e sendo objetificada. As construções imagéticas em torno da figura das super-heroínas utilizam recursos visuais como enquadramentos estratégicos que ressaltam o corpo delas em uniformes sensuais e poses erotizadas. Esses artifícios visuais são utilizados pelos ilustradores para agradar ao público-alvo que por um longo tempo era composto em sua maioria por homens.

Nos últimos anos, essa realidade vem se modificando, o número de leitoras femininas cresceu significativamente. Diante disso, as duas maiores empresas, Marvel e DC Comics reavaliaram a representatividade das suas personagens femininas e as recriaram, tornando-as protagonistas de suas histórias. No entanto, apesar dessas mudanças, percebemos que o corpo das heroínas continua a ser sexualizado. Ao partir dessa constatação, essa pesquisa monográfica buscou analisar o processo de sexualização do corpo feminino nas narrativas quadrinísticas, mas especificamente, qual a relação desse processo de sexualização das mulheres com o imaginário coletivo dos leitores.

Cabe destacar que, como produto cultural, as histórias em quadrinhos moldam-se ao contexto histórico-social no qual foram produzidas. Assim, os enredos e os personagens heroicos configuram-se como representações de desejos, preconceitos e até moral da época em que foram criadas. Compreende-se assim, que as narrativas das HQs se espelham na realidade para construir suas histórias. Desse modo, a criação das heroínas representa as concepções da sociedade sobre a figura feminina, isso é bem representado na incorporação das heroínas nesse ambiente, que coincide com a história da mulher, que ocupava um papel secundário, sendo silenciada pela sociedade patriarcal e conseqüentemente na mesma época as super-heroínas ocupava um espaço coadjuvante nas narrativas quadrinísticas.

Ao partir desse contexto, é importante ressaltar que a socialização da mulher na sociedade sofreu modificações depois da criação dos movimentos sociais, as mulheres lutaram para ocupar posição igualitária em detrimento aos homens e conseguiram conquistar inúmeros direitos. Assim, as representações sobre o gênero

feminino nos meios midiáticos sofreram transformações, porém, no mundo das HQs essas mudanças ocorreram lentamente. Desta forma, entendemos que analisar essas capas é importante para refletimos os motivos que levam para o corpo das heroínas continuarem a ser exacerbadamente sexualizados.

Realizamos a princípio a análise das capas e verificamos que todas elas foram ilustradas por desenhistas homens. Assim, importa destacar que essas construções imagéticas são criadas a partir do olhar masculino. Identificamos nessas estruturas visuais as redes de poder agindo sobre as representações das heroínas. Conforme Foucault (2014), o corpo é atravessado por redes de poderes que atuam o submetendo e o tornando dócil, ou seja, submisso. Nessa conjuntura teórica, o corpo das heroínas é transpassado por essa espécie de dominação, sendo sexualizado para agradar ao público alvo masculino.

Dessa maneira, esse estudo aqui desenvolvido permite a percepção que as capas das histórias em quadrinhos se configuram como um instrumento fértil para se tecer inúmeros debates, questionamentos e observações. Portanto, consideramos que essa pesquisa contribui para as discussões sobre a representatividade feminina na contemporaneidade, e ao mesmo tempo, colabora com as reflexões acerca da sexualização do corpo feminino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017. 69 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2 ed, 2ª reimpressão - Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2006. 65 p.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-jacques; VIGARELLO, George. **História do corpo - Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX: Volume 3**. Petrópolis: Vozes, 2008. 616 p.

EISNER, Will. **Quadrinhos E Arte Sequencial**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 192 p.

_____. **Narrativas Gráficas**/ escrito e ilustrado pelo autor: tradução Leandro Luigi Del Manto – São Paulo: Devir, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 432 p.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. 151 p.

_____. **Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense, 2012. 264 p.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, p.12-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/105/106>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

GIL., Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 150 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 200 p.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142

MOORE, Henrietta. **Compreendendo sexo e gênero**. (mimeo) Do original em inglês: "Understanding sex and gender", In: Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p.813-830. Tradução de Júlio de Assis Simões exclusivamente para uso didático.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

SRBEK, Wellington. **Um Mundo Em Quadrinhos**. São Paulo: Marca de Fantasia, 2013. 100 p.

SOHN, Anne-marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo - Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX: Volume 3**. Petrópolis: Vozes, 2008. 109-155 p.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Desacordos, Desamores e Diferenças**, Campinas (sp), p.28-62, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/187>>. Acesso em: 01 set. 2018.